

PREDESTINADOS



JOSEPHINE ANGELINI

PREDESTINADOS

OS DESTINOS OS UNIU, OS DEUSES OS SEPARARAM

Tradução de Ana Luiza Dantas



Copyright © 2011 by Josephine Angelini
Copyright da tradução © Editora Intrínseca

TÍTULO ORIGINAL
Starcrossed

PREPARAÇÃO
Viviane Diniz

REVISÃO
Umberto Figueiredo

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A591p

Angelini, Josephine
Predestinados / Josephine Angelini; tradução de Ana Dantas –
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
320p.: 23cm

Tradução de: Starcrossed
ISBN 978-85-8057-220-9

1. Mitologia grega – Ficção. 2. Ficção americana. I. Dantas,
Ana. II. Título.

12-3530.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

... para meu amado marido

U M

— **M**as se você me der um carro agora, ele será seu quando eu for para a universidade daqui a dois anos. E estaria quase novo.

Helen estava otimista, mas infelizmente seu pai não era nada bobo.

— Lennie, não é porque o estado de Massachusetts acha correto que adolescentes de dezesseis anos dirijam... — Jerry começou a se explicar.

— Quase dezessete — lembrou Helen.

— ... que eu tenho que concordar com isso.

Ele ganhava a batalha, mas para Helen a guerra ainda não estava perdida.

— Você sabe que Pig vai aguentar no máximo mais um ou dois anos. — Helen se referia ao jipe Wrangler do pai e que devia ser mais velho que o rascunho da Bíblia. — Além disso, imagine quanto vamos economizar de combustível se comprarmos um híbrido, ou até mesmo um carro elétrico. É o futuro, pai.

— U-hum — foi tudo o que ele disse.

Agora, sim, ela havia perdido.

Helen Hamilton resmungou baixinho consigo mesma enquanto olhava a paisagem por cima do parapeito da balsa que a levava de volta para Nantucket, prevendo mais um ano de pedaladas até a escola e de caronas no inverno, quando nevasse demais. Mas pior ainda era ter que pegar o ônibus. Ela sentiu um calafrio, antecipando o sofrimento, e tentou não pensar no assunto. Alguns turistas que aproveitavam o feriado do Dia do Trabalho a encaravam. Isso não era raro, e Helen sempre tentava ser sutil ao desviar o rosto. Quando se olhava no espelho, tudo o que via era o básico: dois olhos, um nariz, uma boca. Mas era comum pessoas que não eram da ilha ficarem encarando Helen, o que era muito irritante.

Para sorte de Helen, a maioria dos turistas estava na balsa durante aquela tarde para apreciar a paisagem, e não seu rosto. Eles estavam tão determinados a desfrutar de um pouco da beleza do cenário antes do final do verão que se sentiam obrigados a aclamar com “Ohs” e “Ahs” cada uma das maravilhas do oceano Atlântico, apesar de nada daquilo impressionar Helen. Até então sua experiência dizia que crescer em uma ilha era mesmo muito chato. Ela mal podia esperar pelo momento de entrar para a universidade e sair daquele lugar, sair de Massachusetts e, se possível, da Costa Leste.

Não que Helen detestasse a vida em sua terra natal. Ela e o pai se davam muito bem. A mãe os abandonou quando ela era bebê, mas Jerry logo aprendeu como dar à filha a quantidade certa de atenção. Ele não vivia grudado em Helen, mas estava sempre por perto quando ela precisava. Mesmo um pouco chateada com ele por causa da história do carro, Helen sabia que não poderia ter um pai melhor.

— Ei, Lennie! Como está aquela sua alergia? — gritou uma voz familiar.

Era Claire, que caminhava na direção de Helen. As duas eram melhores amigas desde pequenas. Com empurrões certos, ela tirou do caminho os turistas meio desequilibrados.

Aqueles turistas deslumbrados com o mar desviavam-se de Claire como se ela fosse um zagueiro de futebol americano, e não uma garotinha que mais parecia um gnomo, delicadamente empoleirada no alto de saltos plataforma. Ela deslizou com facilidade por entre o empurra-empurra que criara na multidão e parou perto de Helen, encostada no parapeito.

— Risadinha! Estou vendo que você também fez compras para a volta às aulas — falou Jerry enquanto puxava Claire e seus pacotes para um abraço.

Claire Aoki, também conhecida como Risadinha, era durona. Qualquer um que levasse em consideração apenas sua estrutura de um metro e meio e a delicada fisionomia asiática e que não percebesse o quanto ela era briguenta corria o risco de sofrer nas mãos de um adversário altamente subestimado. O apelido Risadinha era sua sina desde bebê. Em defesa de seus familiares e amigos, era impossível resistir e não chamá-la assim. Claire tinha, sem dúvida, a melhor risada do universo. Não era estridente nem forçada; era uma risada que fazia qualquer pessoa por perto sorrir também.

— Claro, progenitor da minha melhor amiga — respondeu Claire. Ela retribuiu o abraço de Jerry com genuína afeição, ignorando o apelido que detestava. — Posso dar uma palavrinha com sua rebenta? Desculpe por ser tão grosseira, mas é ultrassecreto, altamente confidencial. Eu até contaria para o senhor... — começou a dizer.

— Mas aí teria que me matar — completou Jerry sabiamente.

Na mesma hora ele se retirou em direção à lanchonete para comprar um refrigerante normal, enquanto sua filha, chefe da polícia da alimentação, não estava olhando.

— Cara, o que você tem aí dentro? — perguntou Claire. Ela tomou a sacola das mãos de Helen e começou a vasculhar. — Jeans, casaco, camiseta, calci... epa! Você sai para comprar roupa de baixo com seu pai? Credo!

— Como se eu tivesse escolha! — reclamou Helen enquanto pegava a sacola de volta. — Eu precisava de sutiãs novos! Meu pai se esconde na livraria enquanto eu experimento. Mas, acredite, só saber que ele está ali no fim da rua enquanto eu compro calcinhas já é incrivelmente ruim — disse com um sorriso, corando.

— Não pode ser tão horrível assim. Até parece que você já tentou comprar qualquer coisa sexy. Meu Deus, Lennie, você se veste como minha avó!

Claire levantou duas calças brancas de algodão.

Helen tomou das mãos dela as calcinhas de vovó e enfiou no fundo da sacola, enquanto Claire soltava sua magnífica risada.

— Já sei, eu sou tão nerd que já virou doença — respondeu Helen. — Você não tem medo de se contaminar andando comigo?

— Não. Eu sou tão incrível que sou imune. E nerds são demais. Vocês são deliciosamente corruptíveis. E adoro o jeito como você fica vermelha quando falo de calcinhas.

Claire foi obrigada a se firmar no chão quando dois turistas com câmeras fotográficas tentaram se aproximar do parapeito, enfiando-se entre elas. Aproveitando o balanço do deque, Claire afastou-os com uma de suas cotoveladas ninja. Eles tropeçaram para o lado, rindo das “águas agitadas”, sem nem fazer ideia de que Claire os empurrara. Helen estava mexendo no pingente de coração que sempre usava e aproveitou a oportunidade para se apoiar no parapeito e, assim, ficar da mesma altura da amiga baixinha.

Infelizmente a tímida Helen chamava muita atenção com seu metro e setenta e cinco, e não dava sinais de parar. Já tinha rezado para Jesus, Buda, Maomé e Vixnu para fazerem-na parar de crescer, mas ainda sentia nos braços e nas pernas as fisgadas quentes e os músculos distendidos de outro estirão noturno. Ela pensava que, se chegasse a um metro e oitenta e cinco, pelo menos teria o consolo de ser alta o suficiente para escalar o parapeito e se jogar do alto do farol de Siasconset.

Vendedores viviam lhe dizendo o quanto era sortuda, mas nem mesmo eles conseguiam encontrar calças que servissem nela. Helen já havia aceitado o fato de que, para comprar um jeans comprido o suficiente a um preço acessível, pre-

cisaria escolher alguns números acima do dela, mas, se não quisesse que a calça escorregasse quadril abaixo, precisaria suportar uma leve brisa batendo em seus tornozelos. Tinha certeza de que as vendedoras “loucas de inveja” não andavam por aí com tornozelos gelados. Ou com o cofrinho à mostra.

— Fica em pé direito! — Claire automaticamente chamou sua atenção quando a viu se abaixando, e Helen obedeceu.

Claire tinha mania de boa postura, alguma coisa ligada à mãe japonesa e supercorreta e à ainda mais correta avó, que só usava quimono.

— Certo! Vamos ao assunto principal — anunciou Claire. — Sabe aquela mansão enorme, de “zilhões” de dólares, que era daquele carinha do New England Patriots?

— Aquela em 'Sconset? Claro. O que é que tem? — perguntou Helen, imaginando a praia particular da mansão e sentindo-se aliviada por seu pai não ter ganhado dinheiro suficiente com a loja para comprar uma casa mais perto do mar.

Helen havia quase se afogado quando criança e desde então acreditava secretamente que o oceano Atlântico estava tentando matá-la. Ela sempre tinha escondido essa pequena paranoia... mesmo sabendo que era uma péssima nadadora. Justiça seja feita, ela conseguia nadar “cachorrinho” por alguns minutos, mas até nisso era péssima. Acabava afundando como uma pedra, não importando a salinidade do oceano nem o quanto batesse os braços.

— Finalmente foi vendida para uma família grande — disse Claire. — Ou duas famílias. Não tenho certeza, mas parece que são dois caras, e eles são irmãos. Os dois têm filhos; então os filhos são primos? — Claire franziu a testa. — Não importa. A questão é que quem quer que tenha se mudado tem um bando de crianças. E são todos mais ou menos da mesma idade. Parece que tem dois meninos que estão no mesmo ano que a gente.

— E, me deixe adivinhar — falou Helen com cara de deboche —, você leu no tarô que os dois vão se apaixonar loucamente por você e então vão lutar em um trágico duelo até a morte.

Claire chutou a canela da amiga.

— Não, sua boba. Tem um para cada uma.

Helen esfregou a perna, fingindo que doía. Mesmo que Claire tivesse chutado com toda a força, não teria conseguido deixar nem uma marca.

— Um para cada uma? Isso é muito pouco dramático para você — provocou Helen. — Está simples demais. Não me convenceu. Mas que tal isso: nós duas vamos nos apaixonar pelo mesmo garoto. Ou pelo garoto errado, aquele que não gostar de nós. Então você e eu vamos lutar até a morte.

— Do que mesmo você estava falando? — perguntou Claire docemente, enquanto verificava as unhas fingindo não ter compreendido.

— Meu Deus, Claire, você é tão previsível! — disse Helen, rindo. — Todo ano você tira a poeira das cartas que comprou naquela excursão para Salem e sempre prevê que algo surpreendente vai acontecer. Mas, todo ano, a única coisa que me surpreende é o fato de você não ter entrado em coma de tanto tédio até as férias de inverno.

— Por que você não se rende? — protestou Claire. — Sabe que alguma hora algo espetacular vai acontecer com a gente. Nós somos fabulosas demais para sermos *comuns*.

Helen deu de ombros.

— Estou bem feliz com o comum. Na verdade, acho que ficaria arrasada se você realmente fizesse uma previsão certa algum dia.

Claire inclinou a cabeça para o lado e encarou a amiga. Helen tirou os cabelos de trás das orelhas para cobrir o rosto. Detestava ser observada.

— Sei que você ficaria. Mas simplesmente não acho que o comum sirva para sua vida — disse Claire, pensativa.

Helen mudou de assunto. Elas conversaram sobre os horários de aula, a pista de corrida e se deveriam ou não cortar a franja. Helen queria algo novo, mas Claire era completamente contra ela encostar uma tesoura em seus longos cabelos louros. Foi então que se deram conta de que tinham se aproximado demais do que chamavam de “área pervertida” da balsa e trataram de dar meia-volta rapidamente.

As duas detestavam aquela parte da balsa, mas para Helen tratava-se de um assunto especialmente delicado; aquele lugar a fazia se lembrar de um sujeito assustador que a seguira por toda parte durante um verão até o dia em que simplesmente desapareceu da balsa. Em vez de se sentir aliviada quando percebeu que ele não voltaria, Helen se sentiu como se tivesse feito algo de errado. Ela nunca havia tocado no assunto com Claire, mas houvera um clarão seguido de um cheiro terrível de cabelo queimado. Então, o cara tinha simplesmente desaparecido. Pensar nisso ainda deixava Helen incomodada, mas ela levava aquilo numa boa, como se tudo fosse uma grande brincadeira. Ela forçou uma risada e deixou Claire arrastá-la para outra parte da balsa.

Jerry se juntou a elas quando chegaram ao cais e desembarcaram. Claire aceitou ao se despedir, e prometeu tentar visitar Helen no trabalho no dia seguinte, embora a probabilidade fosse pequena por se tratar do último dia de verão.

Helen trabalhava alguns dias da semana na loja de conveniência da ilha, da qual seu pai era sócio. Além de vender o jornal da manhã e café fresco, a News Store também vendia balas, pastilhas e caramelos em bombonières de cristal e

doces puxa-puxa a metro. Sempre havia flores frescas, cartões artesanais, truques de mágica, suvenires para turistas e mantimentos essenciais, como leite e ovos, para os moradores locais.

Há seis anos a News Store expandiu seus horizontes e agregou a lanchonete Kate's Cakes aos fundos da loja, e desde então os negócios explodiram. Kate Rogers era simplesmente um gênio das guloseimas. Ela conseguia transformar qualquer coisa em torta, bolo, biscoito ou muffin. Até mesmo as verduras universalmente detestadas como couve-de-bruxelas e brócolis sucumbiam à astúcia de Kate e viravam grandes sucessos como recheio de croissants.

Ainda em seus trinta e poucos anos, Kate era criativa e inteligente. Quando se tornou sócia de Jerry, reformou os fundos da News Store e criou ali um refúgio para os artistas e escritores da ilha, conseguindo fazer isso sem transformar o lugar em um ambiente esnobe. Kate fazia questão de que qualquer um que gostasse de comida boa e café de verdade, fossem engravatados ou poetas, trabalhadores ou empresários, ficaria confortável sentado ao balcão lendo o jornal. E tinha um jeito especial de fazer com que todos se sentissem bem-vindos. Helen a adorava.

Quando Helen chegou para trabalhar no dia seguinte, Kate estava tentando guardar uma entrega de farinha e açúcar. Era patético.

— Lennie! Graças a Deus você chegou cedo. Acha que pode me ajudar? — Kate apontou para os sacos enormes.

— Deixe comigo. Não puxe pelo canto assim, você vai dar um jeito nas costas — recomendou Helen enquanto corria para impedir o movimento ineficiente. — Por que o Luis não fez isso para você? Ele não estava trabalhando de manhã? — perguntou, referindo-se a um dos outros funcionários na escala.

— A entrega chegou depois que Luis foi embora. Tentei enrolar até você chegar, mas um cliente quase tropeçou e eu tive que pelo menos fingir que iria tirar essas benditas coisas do caminho — disse Kate.

— Eu cuido da farinha se você preparar um lanche para mim — propôs Helen enquanto se abaixava para pegar o pacote.

— Combinado — respondeu Kate, agradecida, e saiu em disparada com um sorriso.

Helen esperou até que Kate tivesse se virado, levantou facilmente o saco de farinha, apoiou-o no ombro e carregou-o até a bancada da pia, onde abriu e despejou um pouco da farinha no pote plástico que Kate usava na cozinha. Enquanto Helen estocava o restante da entrega de forma organizada no depósito, Kate servia para ela sua borbulhante limonada cor-de-rosa, o tipo que

Helen mais gostava, da França, um dos vários países que estava doida para conhecer.

— Não é o fato de você ser assustadoramente forte para uma pessoa assim tão magra que me incomoda. O que realmente me irrita — falava Kate enquanto fatiava algumas cerejas e queijo para o lanche de Helen — é que você jamais perde o fôlego, nem mesmo com esse calor.

— Eu perco o fôlego — mentiu Helen.

— Você suspira. É bem diferente.

— Eu só tenho pulmões maiores que os seus.

— Mas, como você é mais alta, precisaria de mais oxigênio, não é?

Elas fizeram um brinde e tomaram um gole da limonada, decretando que estavam quites. Kate era um pouco mais baixa e mais cheinha do que Helen, mas isso não fazia dela uma pessoa baixa ou gorda. Quando via Kate, Helen sempre pensava em “sexy e gostosona”, mas evitava falar sobre isso para o caso de Kate entendê-la mal.

— O clube de leitura está de pé hoje à noite? — perguntou Helen.

— Ah-hã. Mas eu duvido que alguém queira falar sobre Kundera — falou Kate com uma risada enquanto fazia os cubos de gelo remexerem no copo.

— Por quê? Fofoca quente?

— Quantíssima. A família enorme que acabou de se mudar para a ilha.

— Para aquela casa em 'Sconset? — perguntou Helen.

Quando Kate fez que sim com a cabeça, Helen revirou os olhos.

— O que foi? É boa demais para se juntar a nós? — provocou Kate, jogando o suor da bebida gelada no copo em cima de Helen.

Helen deu um gritinho e depois precisou deixar Kate por alguns instantes para atender clientes no caixa. Assim que terminou as transações, ela voltou e continuou a conversa.

— Não. Só não acho tão estranho assim uma família grande comprar uma propriedade grande. Principalmente se forem morar aqui mesmo. Faz mais sentido do que um casal de idosos comprando uma casa de veraneio tão grande que eles se perdem no caminho até a caixa de correio.

— Verdade — concordou Kate. — Mas realmente pensei que você fosse ficar mais interessada pela família Delos. Você vai estudar com alguns deles.

Helen ficou parada enquanto *Delos* se repetia em sua cabeça. O nome não significava nada para ela. Por que significaria? Mas em alguma parte de seu cérebro a palavra “Delos” ecoava sem parar.

— Lennie? Viajou? — perguntou Kate. Ela foi interrompida pelos primeiros membros do clube de leitura, eufóricos e já no auge das especulações malucas.

A previsão de Kate estava certa. *A insustentável leveza do ser* não conseguia competir com os recém-chegados que passariam a morar ali. Especialmente depois de os boatos revelarem que eles vinham da Espanha. Parecia que eram de Boston e tinham se mudado para a Europa há três anos para ficar mais perto do restante da família, mas que agora, de repente, haviam decidido voltar. Era a parte do “de repente” que as pessoas estavam discutindo há mais tempo. A secretária da escola tinha contado para alguns membros do clube que as crianças foram matriculadas com tanto atraso que os pais tiveram que praticamente implorar para que pudessem entrar na escola, e todo tipo de acordos especiais teve que ser feito para que a mobília fosse enviada a tempo de sua chegada. Parecia que a família Delos havia fugido da Espanha; o clube de leitura concordava que devia ter acontecido algum tipo de briga entre os primos.

De toda a falação, a única coisa que Helen pôde concluir com certeza foi que a família Delos era um tanto quanto pouco convencional. Havia dois homens que eram irmãos, a irmã mais nova deles, uma esposa (um dos homens era viúvo) e cinco filhos. Todos morando juntos na mesma propriedade. A família inteira parecia ser incredivelmente inteligente, bonita e rica. Helen revirava os olhos quando ouvia comentários que elevavam a família Delos a proporções míticas. Na verdade, ela mal conseguia suportar isso.

Helen tentou ficar no caixa da loja e ignorar os cochichos animados, mas era impossível. Toda vez que ouvia o nome de um dos membros da família Delos, ela perdia a concentração, como se tivessem gritado seu nome, e isso a irritava. Ela saiu do caixa e foi à estante de revistas; tentou organizar as prateleiras apenas para se manter ocupada.

Enquanto limpava as estantes e arrumava os vidros de bala, listou mentalmente os jovens da família. *Hector é um ano mais velho do que Jason e Ariadne, que são gêmeos. Lucas e Cassandra são irmãos e primos dos outros três.*

Ela trocou a água das flores e atendeu alguns clientes. *Hector não vai ao primeiro dia de aula porque ainda está na Espanha com sua tia Pandora, apesar de ninguém na cidade saber por quê.*

Helen colocou um par de luvas de borracha que chegavam até os ombros, vestiu um avental comprido e mexeu no lixo à procura de itens recicláveis. *Lucas, Jason e Ariadne estão no mesmo ano que eu. Então estou cercada. Cassandra é a mais nova. Ela está começando o ensino médio agora e tem só quatorze anos.*

Ela foi para a cozinha e colocou a louça suja na lava-louça industrial. Limpou o chão e começou a contar o dinheiro. *Lucas é um nome tão estúpido. É todo errado. Parece que se destaca como uma laranja no meio de várias maçãs.*

— Lennie?

— O quê? Pai? Não está vendo que estou contando? — disse Helen, batendo a mão no balcão com tanta força que fez uma pilha de moedas de vinte e cinco centavos pular.

Jerry fez um gesto para ela se acalmar.

— É o primeiro dia de aula amanhã — lembrou ele, no tom de voz mais tranquilo do mundo.

— Eu sei — respondeu Helen, indiferente, ainda irritada sabe-se lá porque, mas tentando não descontar no pai.

— Já são quase onze horas, querida — falou ele.

Kate veio dos fundos para verificar que barulho era aquele.

— Você ainda está aqui? Desculpe, Jerry — disse ela, perplexa. — Helen, eu falei para você trancar a porta da frente e ir para casa às nove.

Ambos encararam Helen, que acabara de arrumar todas as notas e moedas em pilhas perfeitas.

— Eu me distraí — disse Helen sem muita convicção.

Depois de trocar olhares preocupados com Jerry, Kate assumiu a contagem dos trocados e mandou os dois para casa. Helen, ainda em transe, deu-lhe um beijo de despedida e tentou entender como perdera as últimas três horas de sua vida.

Jerry prendeu a bicicleta de Helen na traseira do Pig e deu a partida sem dizer uma palavra. Ele às vezes dava uma olhada em Helen durante a volta para casa, mas não disse nada até parar o carro na entrada da garagem.

— Você comeu? — perguntou ele com voz suave, levantando as sobrancelhas.

— Eu não... sim? — Helen não fazia ideia de quando ou o que havia comido. Tinha uma vaga lembrança de Kate fatiando cerejas para ela.

— Você está nervosa com o primeiro dia de aula? O terceiro ano do ensino médio é muito importante.

— Acho que sim — respondeu ela distraída.

Jerry, mordendo o lábio, olhou para Helen. Ele expirou antes de falar.

— Eu estava pensando que você talvez devesse falar com o Dr. Cunningham sobre o remédio para fobia. Sabe, aquela das pessoas que se sentem um pouco mal em multidões. Agorafobia! É assim que se chama — desabafou ele, lembrando a palavra. — Você acha que isso poderia ajudá-la?

Helen sorriu e mexeu o pingente do colar de um lado para o outro.

— Acho que não, pai. Eu não tenho medo de estranhos; só sou tímida.

Ela sabia que estava mentindo. Não era só tímida. Toda vez que ela esticava as costas e chamava atenção, ainda que acidentalmente, sentia uma dor tão forte quanto se estivesse com dor de barriga ou cólica, daquelas muito fortes, mas ela preferiria botar fogo no próprio cabelo a contar isso ao pai.

— E você não tem problemas com isso? Sei bem que você jamais pediria, mas quer alguma ajuda? Porque acho que isso limita um pouco a sua vida... — falou Jerry, começando um assunto antigo que causava muitas brigas entre os dois.

Helen cortou o pai rapidamente.

— Estou bem! De verdade. Não quero conversar com o Dr. Cunningham; não quero remédio nenhum. Só quero chegar em casa e comer alguma coisa — falou ela, saindo do jipe com pressa.

Seu pai a observava com um sorriso discreto enquanto ela tirava sua velha e pesada bicicleta do suporte na traseira do jipe e a colocava no chão. Ela tocou a buzina alegre da bicicleta e deu um sorriso para o pai.

— Viu? Eu estou bem — disse ela.

— Se você soubesse o quanto isso que acabou de fazer seria difícil para uma garota comum da sua idade, você entenderia do que estou falando. Você não é comum, Helen. Você tenta parecer normal, mas não é. Você é igual a *ela* — disse ele com a voz se apagando.

Pela milésima vez Helen xingou a mãe, de quem não se lembrava, por ter partido o doce coração de seu pai. Como alguém poderia abandonar um cara tão legal sem nem ao menos dizer adeus? Sem nem ao menos deixar uma foto para ele se lembrar dela?

— Você venceu! Eu não sou comum, sou especial, assim como todo mundo — provocou Helen, querendo animá-lo.

Ela deu uma trombada no pai com o quadril quando passou empurrando a bicicleta para a garagem.

— Agora, o que tem para comer? Estou morrendo de fome e é sua semana de ser escravo da cozinha.